

**Com uma linda balada na The Music Hall a bela Viviane Murad comemorou 55 anos**

• PAG.4 e 5



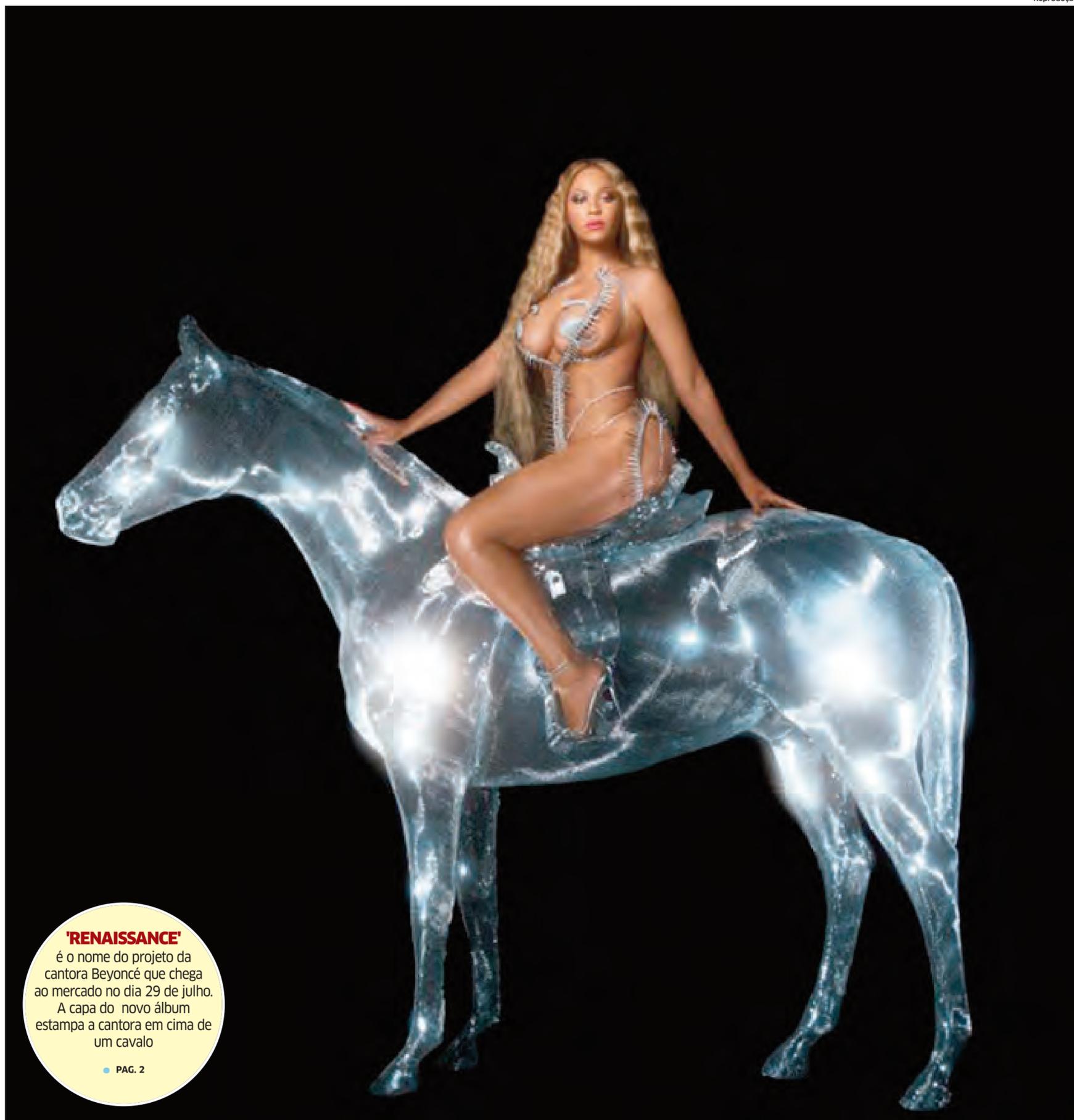
Viviane Murad entre o Repórter PH e Ricardo Ataíde

**O ensaísta Walter Benjamin foi quem melhor escreveu sobre a arte de viajar**

• PAG 6



Reprodução



**'RENAISSANCE'**

é o nome do projeto da cantora Beyoncé que chega ao mercado no dia 29 de julho. A capa do novo álbum estampa a cantora em cima de um cavalo

• PAG. 2

**A** relação com a natureza deve ser solene, longe dos sentimentos descartáveis, do uso fundado em superficialidades, dos gestos vazios, dos olhares cômicos. Toda paisagem é ancestral e nos remete a verdades como a eternidade ou a morte. Por estarmos num planeta que vaga pelo céu, por força de muitos mistérios, ficamos amedrontados com o que nos dizem as estações, as catástrofes, os eclipses, as estrelas, o mar, a montanha. O temor nos transforma em habitantes rasos numa abóbada de cristal, pois fugimos das catedrais do Acaso quando encaramos com demasiada obsessão as rotinas que nos cercam.

Mas ser solene não quer dizer ser metido a sério. Nada mais chato do que aturar a pose de olhares longos ou conversas fúteis vestidas de filosofia barata. O humor faz parte do necessário distanciamento que precisamos ter para conviver com a obrigatória grandeza da paisagem. O humor nos refresca a mente e nos ajuda a sobreviver, mas jamais nos transforma em palhaços. Rir diante do espelho é qualidade das pessoas reais-

## PAISAGEM:

*é possível emocionar-se com a natureza sem precisar se ajoelhar diante dela*

mente sérias. E franzir o sobrecenho em hábitos de sobrecasaca faz parte de uma história universal do ridículo.

Podem achar que é sofisticado demais entender a seriedade quando alguém está sendo leve nos comentários, autocrítico na conversa, criativo nas cenas que descreve. É mais fácil a linha pão-pão, queijo-queijo. Segundo esse conceito, se você quer ser sério, então feche a cara. E se você for um tolo, ria. Não deveria haver esse equívoco.

A comédia clássica já nos ensinou o caminho da tragédia e o melodrama provou o quanto é fútil o esforço óbvio de ser grave e taciturno. Sabe-

mos também que, ao fingir seriedade, muita personalidade pública quer mesmo é esconder a pândega que pode fazer com o patrimônio nacional.

Ter com a natureza uma relação solene nos leva obrigatoriamente para o respeito com a paisagem, a defesa de sua integridade, a busca de soluções para diminuir a agressão ambiental. O problema é que a violência contra os recursos naturais cresce e avança, ao mesmo tempo em que o discurso a favor da sua preservação aumenta.

A contradição então se torna mais aguda: quanto mais metidos a sério os argumentos contra o desmatamento e a destruição do solo, mais risi-

vel é a situação do território que gerações passadas conquistaram com sacrifício.

A solução não é incrementar o discurso e o número de eventos ou difundir mais mensagens de boas intenções. Mas aprofundar a relação solene com a natureza por meio da arte. O cinema, a pintura, o romance, a crônica, o conto precisam resgatar esse sentimento grandioso que sempre tivemos em relação à natureza.

É costume rir dos antepassados, que teriam medo de cataclismas. Ou rir da identificação das manifestações naturais com deuses em forma humana. Fala-se do medo do trovão, que teria gerado Tupã, o incômodo caminhante do céu nublado que assustava os moradores das selvas.

Mas a relação solene não significa esse tipo de retrocesso. É possível emocionar-se com a natureza sem precisar se ajoelhar diante dela. Basta escutar o vento. Ele ensina coisas e te deixa sério como os heróis antes da batalha. Habitado por essa força, você passará por cima de qualquer gargalhada que tentar identificar a ética da tua percepção com alguma piada sem graça.

Fotos/Reprodução



Felipe (esq.) e Rodrigo Carvalho (dir.), irmãos e sócios da Positive Brands. A família deles possui indústria de beneficiamento de castanhas há 30 anos

## A TAL DA CASTANHA: de leite vegetal à sociedade com 3 Corações (e R\$ 125 milhões)

Mais uma vez os irmãos e sócios, Felipe Carvalho (casado com a maranhense Ana Theresa Murad Sarney) e Rodrigo Carvalho ganharam as páginas da chamada “grande imprensa” com ampla reportagem assinada por Gabriel Aguiar, no mais recente número da prestigiosa revista EXAME, sobre suas bem sucedidas e vitoriosas atividades empresariais.

Os dois cearenses criaram produto após inspiração dos EUA; agora, há café latte e cappuccino prontos para beber,

Sabia que a 3 Corações comprou metade da A Tal da Castanha – na verdade, da Positive Co, que fabrica o leite vegetal? É verdade que esse casamento parecia discreto e, de lá para cá, só o Ultracoffee (espécie de mistura de grãos e especiarias para dar mais energia) indicava a aproximação do gigante dos cafés. Mas isso mudou: a sociedade rendeu versões de café com leite e cappuccino prontas para beber, sem açúcar na receita, e que trazem, na própria embalagem, ambos os logotipos.

“Nós fundamos A Tal da Castanha há sete anos e focamos na joint venture para manter a liderança e continuar com crescimento no momento no qual o mercado se abria para outras marcas. Tocamos o negócio de maneira independente, mas aproveitamos a sinergia para operações, já que a 3 Corações cuida de toda distribuição e venda. É por isso que conseguimos expandir a presença em todo o Brasil e lançar novos produtos”, diz Felipe Carvalho, sócio e diretor de marketing da companhia.

Tanto café com leite quanto cappuccino terão novas opções em potes, sachês e cápsulas (específicas para máquinas da 3 Corações) em breve. Só que os próximos meses serão dedicados principalmente aos produtos culinários – como o já lançado creme de castanhas que substitui o creme de leite – e às linhas profissionais

dedicadas à indústria alimentícia e restaurantes. Para este ano, o executivo prevê crescimento de 75% no faturamento, que deverá fechar em torno de 125 milhões de reais.

Crescimento durante a pandemia “Nós crescemos 100% por dois anos consecutivos durante a pandemia. Não foi fácil, analisando pelo lado humano e de funcionários, mas percebemos uma mudança no comportamento do consumidor para a alimentação mais saudável, consciente e equilibrada. Já existia esse processo, mas os últimos meses aceleraram ainda mais. Tanto é que já projetamos crescimento para os próximos três anos, só que sempre ligados a hábitos saudáveis”, afirma Rodrigo Carvalho, sócio e diretor comercial.

Mais que novas linha de produtos, a Positive Co – e, conseqüentemente, A Tal da Castanha – tem projetos para redução da pegada de carbono em toda a cadeia produtiva. Com base em mapeamento de uma consultoria externa, a empresa prevê a diminuição das emissões de carbono como solução à compensação. Por outro lado, existem parcerias com cooperativas de reciclagem para reaproveitar o equivalente de todo o material (como papel e plástico das embalagens) que sai ao mercado.

### História dos empreendedores

É verdade que A Tal da Castanha só chegou ao mercado em 2015, mas a ligação da família de Felipe e Rodrigo Carvalho com o fruto existe há mais de três décadas: o pai dos empreendedores tem uma indústria para beneficiamento de castanha-de-caju no Ceará. Não por acaso, a sede da Positive Co fica em Fortaleza (CE). Mas a ideia do leite vegetal surgiu quando os irmãos decidiram apostar além do

atacado e criar opções feitas especificamente para mercado de varejo e consumidor final.

“Entre 2013 e 2014, a gente já tinha essa ideia de criar um produto. Lançamento um desafio interno e procuramos alternativas à castanha embalada, porque não teria diferencial competitivo. E aí vimos que, nos Estados Unidos, já existia leite vegetal de amêndoas. E tudo começou assim. Mas ainda não havia cadeia de leite vegetal por aqui e tivemos que construir todo o processo, a partir do zero, até a formulação. Mesmo com histórico para castanha-de-caju, tivemos que aprender”, diz Felipe.

### É mais barato que leite de vaca?

Não bastasse todo o processo criado do zero, a produção de leite vegetal está baseada em pequenos agricultores para fornecimento de 95% das castanhas-de-caju. De acordo com os sócios, isso explica, em parte, os preços até duas vezes mais altos que para leite de vaca. Só que também existem outros fatores: de um lado, benefícios fiscais ao produto de origem animal, que pode ganhar até isenção de ICMS, dependendo do estado; de outro, testes mais caros para evitar contaminação cruzada.

“Percebemos que o leite animal teve rápido aumento de preços devido à inflação de insumos e isso reduziu a diferença em relação ao leite de castanha. Mas ainda é uma grande diferença. Nós sempre pensamos em maneiras de tornar a opção vegetal mais democrática e isso passa pela castanha, mas talvez não só por ela. Podemos pensar em novos produtos que sejam alinhados em nutrição e sabor. É difícil conseguir hoje, mas acredito na equiparação em dez anos”, diz o diretor de marketing.



Novamente, Felipe (esq.) e Rodrigo Carvalho (dir.), irmãos e sócios da Positive Co

## LIVROS

### O prazer da leitura

Saudades de ler com calma e sem hora para terminar? O calor está aí e também o alto verão e as férias. A época ideal para esquecer o mundo e entregar-se às mil e uma viagens que só um livro pode oferecer.

Aliás, haverá algo mais frustrante do que descobrir que já é de madrugada, a meio de um bom livro, e só faltam algumas horas até o alarme tocar? Ou estar tão cansado do trabalho, das tarefas domésticas e dos trabalhos de casa das crianças, que nem conseguimos ler duas ou três páginas antes de adormecer?

É também para pôr as leituras em dia que servem as férias. Para desligar de tudo e descontraír à beira da piscina, na praia ou na espreguiçadeira com um bom livro e uma bebida fresca – e de preferência, à sombra e com protetor solar, porque lendo o tempo voa e uma boa história não pode acabar com um escaldão.

E uma vez que os dias já são mais compridos, o calor aumentou e as férias estão ao virar da esquina, trazemos algumas sugestões de livros do catálogo da que são autênticas montanhas-russas de emoções e descobertas, para aproveitar agora que tem mais tempo para se entregar ao prazer da leitura.

### A cor do Hibisco

Reconhecida por dar voz aos temas do feminismo, Chimamanda Ngozi Adichie, natural da Nigéria, já foi distinguida com diversos prêmios e a sua obra é traduzida em mais de trinta idiomas. “A cor do Hibisco” é um dos seus mais marcantes romances, onde nos leva numa emocionante história sobre liberdade, amor e ódio, e a linha tênue que separa a infância da idade adulta, através do olhar de uma jovem, Kambili. Presa entre os muros da luxuosa propriedade da família e as regras de um pai repressivo, quando um golpe militar ameaça fazer desmoronar a Nigéria, Kambili é enviada, pelo pai, juntamente com o irmão, para a casa da tia. E é aí, numa casa cheia de energia e riso, que descobre um novo mundo onde os livros não são proibidos, os aromas a caril e noz-moscada impregnam o ar, e a alegria dos primos ecoa. Descobertas que vão despertá-la para a vida mas também trazer conseqüências inesperadas.

### Leão - O Africano

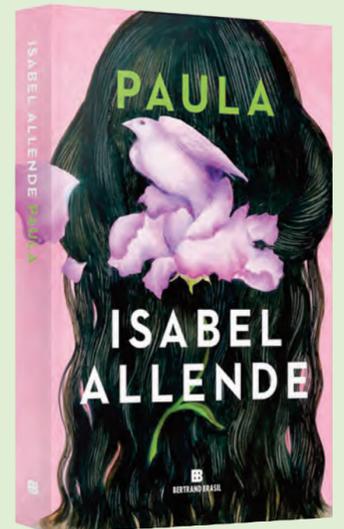
Esta é a autobiografia imaginada de uma apaixonante figura histórica: o geógrafo Hassan al-Wazzan, que ficou conhecido como Jean-Léon de Médicis, ou Leão, o Africano, uma figura do Oriente e do Ocidente, homem da África e da Europa, que viveu no século XVI.

Com uma vida feita de aventuras, paixões e perigos, atravessa os grandes acontecimentos do seu tempo, como a Reconquista, durante a qual se encontrava em Granada, tendo que fugir da Inquisição; a tomada do Egito pelos Otomanos; a África negra, durante o apogeu de Askia Mohamed Touré; e o Renascimento.

### O Homem que Gostava de Cães

Vencedor do Prêmio Princesa de Astúrias de las Letras em 2015, em “O Homem que Gostava de Cães”, Leonardo

Padura envolve-nos numa inquietante e viciante intriga sobre os encontros de Ivan, um aspirante a escritor, com um homem enigmático que passeava pela praia com dois galgos russos e que lhe confia singulares relatos sobre o assassino de Trótski, Ramón Mercader, de quem conhecia pormenores muito íntimos. Com essas confidências, Ivan reconstitui a trajetória de Davidovitch Bronstein, mais conhecido por Trótski, e de Ramón Mercader, e de como se tornaram em vítima e autor de um dos crimes mais reveladores do século XX.



### Paula, de Isabel Allende

Com um forte cunho autobiográfico, “Paula” é uma das obras mais intensas de Isabel Allende, uma das mais reconhecidas e incontornáveis escritoras da América Latina. Paula, a filha da escritora, adoeceu gravemente e, pouco tempo depois, entra em coma. Durante meses no hospital, a autora começou a escrever a história da família para a filha, que continuava inconsciente. Nesse relato, descobrimos os segredos e recordações mais íntimos do seu passado e do seu país natal, o Chile, ao mesmo tempo que testemunhamos as sucessivas tentativas de contrariar e, por fim, aceitar a partida iminente de um ente querido. Escrito como forma de terapia face à irreversível doença, “Paula” é uma verdadeira lição de vida, ao mesmo tempo que nos permite conhecer um pouco melhor o mundo fantástico de “A Casa dos Espíritos” e “Eva Luna” – aos quais apetece, depois, regressar.

### Melhores Contos Espirituais do Oriente

Ramiro Calle fez mais de setenta viagens à Ásia para recolher os melhores e mais instrutivos 250 contos daquele continente, aqui reunidos em livro. São contos que partilham conhecimentos fundamentais e profundos que abrem a mente e o coração, e podem ser interpretados consoante a perspicácia e o grau de maturidade mental de quem os escuta.

São para serem lidos e relidos, de forma a aproveitar os seus ensinamentos, que nos permitem transformar a mente, acalmar as nossas ansiedades, encontrar a paz interior e melhorar a nossa vida.

## Sobrevivência

Algumas orientações para evitar ofensas inúteis aos semelhantes e assim garantir a sobrevivência da espécie:

1. Quando ligar para a casa de alguém, e outra pessoa atender, não pergunte se quem você procura está dormindo.
2. Se você encontrar um conhecido, não comente sua aparência, nem sequer diga “como você está bem”.
3. Também não pergunte onde ele está trabalhando “agora”.
4. Não faça de conta que você não escutou seu semelhante; não ignore seu interlocutor; principalmente para

sobrepôr ao que ele acaba de dizer algo que não lhe diz respeito nem nada tem a ver com a conversa.

5. Não lamente que seja crespo o cabelo da criança, da mulher ou do homem que você está vendo, pela primeira vez ou não.
6. Não clone seu interlocutor com algo que o anule; por exemplo, se ele disser que é escritor, não revele que você conhece um escritor igualzinho ou melhor do que ele, mesmo que isso seja verdade.
7. Retribua os favores, mas não retalhe; se a pessoa lhe estendeu a mão, não tente pagar com a mesma moeda ou dar-lhe o

troco; qualquer favor é impagável.

8. Não demonstre insatisfação se alguém cumprir um compromisso com você; não deixe escapar que você esperava mais e que o Outro ficou devendo.
9. Não trate absolutamente ninguém como subalterno, dando-lhe encargos ou comparando-o à escravidão.
10. Não resenhe, ao vivo, a cores e ferozmente, o livro que outra pessoa diz que vai ler ou o filme que promete ver; não diga que você já usufruiu daquela obra todo o prazer possível que alguém já poderia ter.

## DESTAQUE DA CAPA



**A** TÉ ONDE SE SABE, a top model maranhense mais divulgada pela imprensa internacional, Bianca Klamt, foi a única modelo deste estado a ter um encontro com a famosa cantora Beyoncé. Aconteceu em Milão, durante o desfile de uma nova coleção de Giorgio Armani, no qual Bianca despontou como estrela de primeira grandeza, ganhando destaque nas principais revistas de moda da época

### Novo disco de Beyoncé

O novo álbum da cantora Beyoncé, *Renaissance*, para anunciar o seu lançamento para 29 de julho, estampa a artista em cima de um cavalo. E o projeto marca o retorno ao trabalho solo, já que em 2018 Beyoncé saiu em turnê com o marido. Ao longo da *On The Run II Tour*, o casal faturou US\$ 253,5 milhões. Até o momento, a cantora não deu mais detalhes de divulgação do álbum, mas a postagem está acompanhada de um "act 1" ("1º ato"), o que indica que a qualquer momento podem surgir novas revelações. A seguir, o que diz o post da cantora, na íntegra, em português:

*"Criar este álbum me permitiu um lugar para sonhar e encontrar uma fuga durante um período assustador para o mundo. Permitiu que eu me sentisse livre e aventureira em uma época em que pouco mais se movia. Minha intenção era criar um lugar seguro, um lugar sem julgamento. Um lugar para ser livre de perfeccionismo e pensamento excessivo. Um lugar para gritar, soltar, sentir liberdade. Foi uma bela jornada de exploração. Espero que você encontre alegria nesta música. Espero que inspire você a liberar o movimento. Ah! E para se sentir tão único, forte e sexy quanto você é."*

### Hemingway 61 anos depois

Modestamente, acho que tenho uma das melhores bibliotecas de meu quartelão sobre a Paris dos Anos 20 e a Geração Perdida. Essa coleção vem de ser enriquecida agora com Casados com Paris, uma história romanceada dos breves anos de casamento entre Ernest Hemingway e Hadley Richardson, e cuja ação se passa nos "roaring, fabulous twenties".

A autora é Paula McLain, que por 335 páginas toma a voz e a maneira de ser de Hadley, numa narrativa que empolga desde os primeiros capítulos. A história começa em Chicago, onde eles se conhecem, e evolui para aquela Paris que ninguém descreveu melhor do que Hemingway em *A moveable feast*.

Aqui devo confessar que em 1980 segui o inteiro roteiro de Hemingway e Scott Fitzgerald por cada

bar, café e restaurante que frequentaram numa cidade fascinante, que à época mantinha uma sedução essencial. É ela que volta a cada parágrafo de Casados com Paris, em todo o seu esplendor.

Lugares como Le Dôme, La Rotonde, Le Select, La Closserie des Lilas, Les Deux Magots, La Nègre de Toulouse e inúmeros outros retornam, vivos e pulsantes, ao longo de um inventário de lembranças em que estão presentes Gertrude Stein, Ezra Pound, John dos Passos, Ford Maddox Ford, Scott Fitzgerald e mais uma constelação de astros que hoje fazem parte da literatura universal.

Um filho não planejado, mas muito amado, Bumby, e a perda de todos os originais de Hemingway num trem em que estava Hadley sozinha quase balançou um casamento perfeito. Mas eles se

reconciliaram, embora não tivessem meios de superar um vendaval que soprou sobre suas vidas.

Pauline Pfeiffer, uma rica herdeira americana, seduziu Ernest em meio a um jogo de dissimulação e arrogância que acabou percebido por Hadley. Ela lutou com suas fracas forças para conservá-lo, mas toda tentativa resultou inútil. O inevitável sobreveio: a separação.

Biógrafos de Hemingway, como Carlos Baker e A. E. Hotchner, atestam que ele jamais esqueceu de Hadley.

Em maio de 1961 Hemingway telefonou para ela e disse: "Amamos demais um ao outro". Num sábado, dia 2 de julho do mesmo ano, tomou sua arma preferida e suicidou-se.

Foi o fim trágico de uma bela história de amor e paixão.

### O Jantar no Ramalhete

Os Maias, um dos mais famosos romances de Eça de Queirós, não é desconhecido dos alunos que frequentam o ensino secundário. Trata-se de um título de leitura obrigatória que leva os estudantes a descobrir o famoso Ramalhete e a história de Carlos da Maia e Maria Eduarda da Maia, bem como de outras personagens como Maria Monforte, Afonso da Maia ou João da Ega.

Na Escola de Comércio de Lisboa (ECL), a leitura de Os Maias não foi exceção, mas os alunos foram mais longe e procuraram transmitir o que aprenderam de maneira criativa.

Os alunos dos cursos de Cozinha e de Restaurante foram desafiados a ler o livro e a desenvolver um projeto inspirado no mesmo, com base nas qualificações adquiridas nos seus cursos.

E lançaram um projeto a que eles chamaram o Jantar no Ramalhete. Adequaram um conjunto de pratos que estão de acordo com alguns dos personagens.

Ou seja, os alunos das turmas de Cozinha e de Restaurante meteram, literalmente, as mãos na massa, e criaram pratos inspirados nos traços físicos e psicológicos dos principais personagens do famoso romance de Eça de Queirós.

### O Jantar no Ramalhete...2

Assim, para o Jantar no Ramalhete os alunos criaram seis pratos inspirados em seis personagens.

Para o amuse-bouche, a escolha recaiu em Maria Monforte, representada num "Croquete de legumes assados com maionese de manjericao e lima", um prato que, segundo os alunos, simboliza o individualismo e o egocentrismo da personagem.

A entrada foi dedicada a João da Ega e ao seu caráter provocador, mas também ao seu lado romântico com um "Tartar de Atum".

Maria Eduarda da Maia surge representada numa sopa de "Crema de Beterraba com Ovo Escalfado", onde o creme de cor avermelhada revela a paixão e a fatalidade da personagem, já o ovo escalfado simboliza a sua delicadeza.

### O Jantar no Ramalhete...3

Para Carlos da Maia foi pensado um peixe "Raia à Lagareiro", onde o equilíbrio do prato representa a condição profissional de Carlos, médico, logo, foi feita uma escolha saudável. Já Afonso da Maia vê os seus princípios e valores tradicionais plasmados num "Borrego assado no forno com arroz de cogumelos", que é também uma referência às Beiras, de onde a família é originária.

Para terminar, a sobremesa de "Pudim de Ovos" retrata Pedro da Maia, que surge na obra como uma personagem frágil e com uma educação fortemente católica – daí a escolha de um doce conventual.

### Coração pegando fogo

Zelda Fitzgerald, autora do livro "Esta Valsa é Minha", é uma das personagens mais interessantes do filme "Meia-Noite em Paris", que vez por outra rejeito só para matar saudades da Cidade-Luz.

É famosa a frase de Zelda, após mais uma crise com o seu marido Scott Fitzgerald:

– Chamem os bombeiros! – ela teria berrado, num hotel em Paris, para avisar que seu coração estava pegando fogo.



Vista panorâmica da cerimônia descontraída do casamento de Leonardo Fecury Braga e Sayure dos Reis

## ENLACE DE LEONARDO E SAYURE

Com uma cerimônia simples, realizada na casa dos tios do noivo, Daniela e Marco Antonio Fecury, na Península da Ponta d'Areia, casaram-se no último sábado, o médico Leonardo Fecury Braga

(filho de Ana Elizabeth Fecury e deputado Fábio Braga) e Sayure Oliveira dos Reis (filha de Antonia Samara e Gehones Barreto dos Reis).

Presentes, apenas os familiares dos noivos e seus

amigos mais íntimos, num clima de muita alegria e confraternização.

A cerimônia, no entanto, foi com o ritual tradicional da união de duas famílias através dos filhos que se amam.



Os noivos ladeados pelos pais dela (à esquerda), Antonia Samara e Gehones Barreto dos Reis, e pelos pais dele, Ana Elizabeth Fecury e Fábio Braga



Gehones Barreto dos Reis conduzindo a filha Sayure para a cerimônia de casamento



Os avós paternos do noivo, Mauro Fecury e Ana Lúcia



A noiva com as madrinhas do seu casamento



Renato Archer com José Sarney, José Augusto Amaral Gurgel e Ulysses Guimarães

### Centenário de Renato Archer

Nascido em 10 de julho de 1922, o político maranhense Renato Bayma Archer da Silva, mais conhecido como Renato Archer completaria 100 anos de nascimento neste domingo.

Ao contrário do que muita gente pensa, ele não nasceu em Codó, mas sim

em São Luís.

Da geração política do século passado, Renato foi um dos mais eloquentes representantes deste Estado. Foi vice-governador, deputado federal por três mandatos, embaixador e ministro de

Ciência e Tecnologia e Inovações do Brasil.

Levou para o túmulo uma amargura: não ter sido eleito governador do Maranhão, cargo que disputou duas vezes: em 1965 e 1982, perdendo para José Sarney e Luiz Rocha.

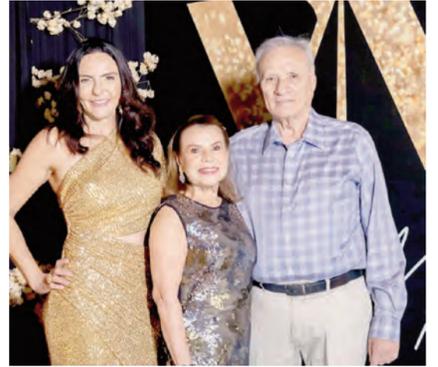
Fotos/PH/Divulgação/ Matheus Soares



Viviane e sua filha Natália Schmitt



No meio do salão, Viviane Murad era a felicidade estampada no rosto, num ambiente de muito brilho e muitas luzes



Viviane Murad com Fátima e Manuel Ximenes



Jose Aparecido Valadao e Cida



Miguel Zaidan e José Wilson



O Repórter PH com Pádua Weber e Soraia Fialho



Marcelo Fialho e Aline



Socorro e Reges Fialho



Sonia Jungmann, Cirene Murad e Adriana Murad



Rafaelle Murad Schmitt



Viviane Murad e Dona Cirene Murad



Maria da Graça Murad Sampaio

## LINDA FESTA

para celebrar com muita alegria os 55 anos de Viviane Murad

**J**ulho, sabem todos, é o sétimo mês do calendário Gregoriano, possui 31 dias e antes era Quintilho até que passou a se chamar Julho em homenagem ao imperador romano Júlio César, que nasceu em 13 de Julho em 100 a.C. De acordo com a numerologia, sete é o quarto número primo e pode ser decomposto por 2 e 5, também primos, e por 3 e 4. Na análise da natureza dos números considera-se que se um número que é maior do que outro contém a natureza dos anteriores. Isso faz do 7 o primeiro número de grandeza da sequência de 1 a 9, aquele que “cuida” dos

demais. Por essa união o 7 é considerado o número da ligação entre Deus e o homem, entre o céu e a terra.

Pois bem, foi agora em julho que, no segundo dia do mês, os 55 anos bateram na porta de Viviane Murad! E ela decidiu que nessa data iria reunir os amigos para ser feliz do começo ao fim, e que nada iria lhe tirar do sério, pois saberia valorizar ainda mais cada ligação e cada mensagem de parabéns, bem como admirar mais o céu e o sol.

Viviane vive – e quer viver muito mais ainda – como jovem. Seu maior desejo é ser como uma pessoa jovem cheia de planos, energias e que decide tonar-se

alguém melhor todos os dias! E no último sábado, cercada de parentes e amigos na acolhedora casa The Music Hall, Viviane ganhou certamente 55 motivos para agradecer! O número 55 a fez refletir. São, no mínimo, 55 motivos para ser feliz. E esboçou o seu mais lindo sorriso para soprar as velinhas do bolo depois de um parabéns bem entoado e cheio de emoções.

Que esses 55 anos sejam apenas o começo da melhor fase da vida que começa agora para Vivi Murad! Uma vida em que não lhe faltem oportunidades para ser feliz, hoje e sempre, ao lado das pessoas que ama.



Viviane Murad com os filhos Marina, Natalia, Rafaelle e Igor Schmitt



Osmar Cutrim Froz, Pádua Weber, Alexander Carvalho, Alexandre Rangel, Sergio Parente, Osmir Sampaio, Marcelo Fialho, Paulo André Santiago e Hélio Trucci

Fotos/PH/Divulgação/ Matheus Soares



Viviane Murad entre as filhas Marina Schmitt, Natalia Schmitt e Rafaelle Schmitt



Osmir Sampaio e seu irmão Orion Sampaio, José Aparecido Valadão, Leticia Veras, Giovana Sampaio e Pablo Rocha



César Bandeira e Thatiana com a aniversariante



Maria Luiza Miranda, Cida Valadão e Soraia Fialho



Rafaelle Schmitt, Thais Carvalho, Sílvia Parente e Cirene Murad



Viviane Murad entre Rosuel e Mônica Zaidan



Grupo dos mais animados da festa: José Luis Vidígal, Telian Vidígal, Mônica Zaidan, Carolina Zaidan e Miguel Zaidan



A aniversariante com Ricardo Ataíde



A aniversariante e Myrela Sampaio



O bonito bolo de aniversário



A espetacular Banda Radio Hits, do Rio de Janeiro



José Aparecido Valadão, o Repórter PH e José Luís Guimarães



Marcia Lioto, Thais Carvalho, Simone Lima, Luiza Trucci, Viviane Murad e Karla Froz



A sempre linda modelo Ana Clara De Déa



Fotos/Reprodução

O que se desprende dos apontamentos e diários na obra de Walter Benjamin é uma ideia de busca do mundo como conjunto produtor de sinais

# WALTER BENJAMIN

## e a requintada arte de viajar com as imagens do pensamento

*Por todos os lugares do viajante – Espanha, URSS, França, Suíça e Dinamarca –, as “imagens do pensamento” de Walter Benjamin tornam fascinantes os seus relatos.*

Ao longo das eras, a literatura de viagens tornou-se um dos aspectos fundamentais da tradição literária ocidental. Em alguns dos seus momentos mais notáveis, essa produção escrita coincidiu com fórmulas e manifestações que associamos ao grand tour. Esse percurso formativo, quase iniciático, demarcava certa classe social e cultural e acabou por fornecer o molde para o viajante letrado que se aventurasse a passar para o papel as suas experiências em trânsito.

Nesse vasto legado – onde avulta o prodígio dos diários e cartas de Byron –, tomou a dianteira, sobretudo no universo de língua alemã, a figura tutelar de Goethe, modelo central e emblema da linhagem, cristalizada em Viagem a Itália. Ora, como explica o tradutor João Barrento, na sua “Introdução” a Diários de Viagem, com este livro, estamos perante uma “escrita que se afasta (...) da ‘literatura de viagens’ mais comum e da grande tradição alemã desde Goethe, geradora de muitos epígonos, e que é a do diário como ‘ato cultural’”.

Por outro lado, o itinerário de Walter Benjamin levou-o não apenas a Itália – como sucedia no grand tour –, mas à Suíça e, em épocas distintas, a Moscovo, Paris, a região da Riviera (Juan-les-Pins), ou Ibiza – mas também a Svendborg, onde conviveu com Brecht, então exilado naquela localidade dinamarquesa.

No Sul de França, Benjamin já convivera com Bertold Brecht. Desse convívio notável e estimulante, embora não isento de tensões, Walter Benjamin regista, com o rigor que caracteriza todos as suas páginas de diário, diversas “proposições” brechtianas – “Brecht acha que seria possível afirmar com fundamento que Trotsky é o

maior escritor vivo da Europa”; “para ele é claro que Kafka tem um único tema, que a riqueza da escrita de Kafka reside precisamente na riqueza de variações desse seu tema. Na leitura de Brecht, esse tema seria o do espanto. O espanto de um ser humano que sente a aproximação de enormes deslocamentos em todas as situações existenciais, sem conseguir integrar-se nessa nova ordem”.

É, aliás, um dito sentencioso de Brecht que encerra os diários de Benjamin – “Não sigas o velho e bom, segue antes o novo e mau” –, já citado por Walter Benjamin num dos seus Ensaios sobre Literatura. Curiosamente, também Brecht escreveria, num poema seu: “Porque sei/ Tudo o que é novo/ É melhor que tudo o que é velho”.

A circunstância da viagem, em Walter Benjamin situa-se para lá dos seus diários. Conforme explica o tradutor – através da elaboração de um quadro, a que chamou “O Viajante Walter Benjamin – Lugares de Viagem e Exílio” –, as suas obras são associáveis a diversas viagens e a tantas outras localizações.

Ao longo de Diários de Viagem, o tradutor e ensaísta João Barrento fornece abundantes pistas nesse sentido, num cruzamento constante entre os escritos diários de Benjamin e a sua restante produção, através da coincidência de lugares e outras referências cruzadas, que enriquecem sobremaneira a leitura.

Mais do que um trajeto formador, ou de teor declaradamente educativo, o que se desprende desses apontamentos e diários é uma ideia de busca do mundo como conjunto produtor de sinais, vasto panorama de sentidos que o sujeito comenta e anota com zelo e

pormenor – “Falar uma língua que não se domina minimamente soa a algo de pouco natural, quase falso, para a própria pessoa que a usa”.

Aliás, é próprio dessa modalidade literária desdobrar-se através de “uma escrita diferida”, gerada através de um lapso de tempo necessário para o sujeito se refazer dos fatos e dos lugares avistados, experiências tidas e confrontos assim surgidos. O próprio corpo dos diários revela esse caráter que o tradutor descreveu como “diferido”: “Registo aqui mais algumas impressões de Moscovo que só me ocorreram em Berlim (onde desde 5 de fevereiro [a entrada está datada de cinco dias antes] levo a cabo estas anotações, começando no dia 29 de janeiro)”.

Na seção “Comentário”, que apõe a Diários de Viagem, o tradutor inclui, entre várias, outra informação da maior pertinência, amplos trechos das cartas de Benjamin, que, numa delas, escreve, já “quase um mês depois do regresso”: “Uma Viagem a Itália vai crescendo lentamente”. Como defende o organizador, o diário, para Walter Benjamin, é “uma forma literária própria” – por certo nesse sentido é que estes seus escritos podem constituir-se parte de uma “filosofia narrativa”, na expressão do tradutor e ensaísta.

Numa carta em que discorre sobre a temporada passada em Moscovo, escreve Benjamin: “Vou ter muito que trabalhar sobre tudo o que vejo e ouço, até que as coisas ganhem forma. Em situações como esta, o presente – até mesmo o mais fugidio – ganha um valor extraordinário”.

Ao lermos estes diários, temos a impressão de que Benjamin está sempre no lugar e no momento certos – e

que se encontra com as mais importantes figuras literárias e artísticas do momento. Para tal, a organização e o tempo terão sido aspectos fulcrais – “Para registar os meus muitos encontros com autores franceses, comecei em Paris um diário literário”; “Comecei há três semanas a anotar à mão o meu Diário de Paris, mas a matéria avolumou-se de tal modo que provavelmente só a poderei desenvolver com a ajuda da minha secretária”.

Quase no início do seu diário parisiense regista, precisamente: “Nos primeiros dias de janeiro encontrei-me com: Aragon, Desnos, Green, Fargue”. Através deste último, Benjamin terá acesso privilegiado aos relatos minuciosos de alguém que conhecera Marcel Proust, e que, numa das grandes interseções da modernidade literária, engendrou o único encontro entre Proust e Joyce.

O primeiro registo com que o leitor se depara, em Diários de Viagem, é revelador da ideia de que a deslocação do espaço é um potencializador de sentidos, uma dádiva ao sujeito e do sujeito, tão criadora de significado como o receptáculo de uma diversidade de significações – “A viagem nascerá do diário que pretendo escrever. Gostaria que a partir dele se fosse revelando a realidade total”.

Na síntese proposta pelo tradutor João Barrento, o autor aplica “um método muito benjaminiano desde a Infância Berlimense, que é o da atenção ao pormenor concreto para o amplificar e universalizar, da capacidade de ver o secreto no aparentemente anódino”.

Walter Benjamin é uma consciência extremamente ativa e atenta às realidades e às dinâmicas sociais com que se confronta – “Nova lição sobre os cuidados que é preciso ter aqui [Moscovo], um dos mais flagrantes sintomas da total politização da vida”. Por mais que atente aos seus trabalhos, imerso em pesquisas e na preparação de artigos para a imprensa, Benjamin nunca está desfasado do concreto, nem se deixa apanhar em falso – “enquanto eu continuar a viajar não se coloca a questão do ingresso no partido”. A viagem é, portanto, um sintoma e uma garantia de liberdade e independência.

As observações de Walter Benjamin nunca são pitorescas, nem turísticas – “não é apenas a neve que pode dar lugar a alguma nostalgia de Moscovo, é também o céu. Em nenhuma outra grande cidade temos tanto céu sobre nós, o que se explica pelo fato de as casas serem baixas. Nesta cidade sente-se sempre o horizonte aberto da planície russa”. O olhar e a percepção, mas também o ato de os fixar através da escrita, parecem ter algo de inaugural, de não tingido pela banalidade, ou por qualquer espírito de vulgarização. É de uma espécie de individualização, sempre inserida numa universalidade necessária, que aqui se trata.

Por mais exato que seja na sua análise, Benjamin nunca deixa de ser engenhoso e criativo – “Há uma coisa extraordinária nestas ruas: a aldeia russa brinca nelas às escondidas. Quando se atravessa um desses grandes portões (...) abre-se diante de nós uma propriedade rural ou uma aldeia”.

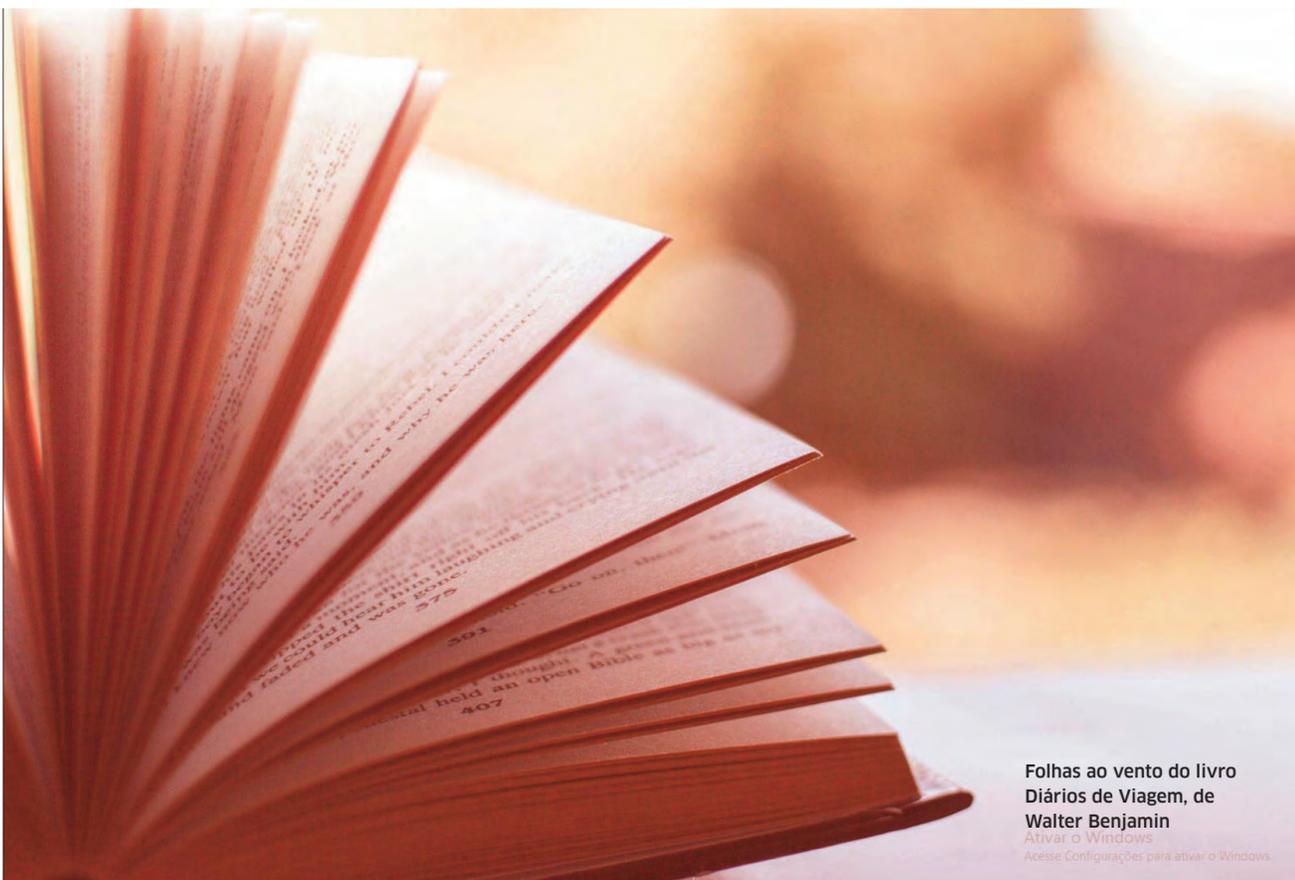
Além disso, a sua metodologia e a sua forma de proceder são a do escritor, não a de quem anotações, de forma descuidada e ociosa. Tomem-se como simples exemplo todos os contratempos e peripécias que antecedem o momento de avistar a Última Ceia são – os quais são descritos por Walter Benjamin com tal perícia e um maneio tão perfeito da técnica do suspense, que o leitor fica preso da impressão de estar lendo um relato ficcional, mais do que o registo verídico de uma viagem que passa, entre outras paragens, pela cidade de Milão.

Unicamente, o simples ato de contemplar uma obra-prima está rodeado de considerações que eximem esse episódio de ser apenas mais um ponto no itinerário do viajante – “Lá dentro, a grande sala com o quadro de Leonardo. A decadência nua do lugar fascina. Os quadros parecem ser produto de uma qualquer decomposição enigmática que nos olha a partir das paredes. Concentro-me apenas no de Leonardo. Há um muro que mantém o observador a uma distância de dois metros. (...) Não consigo sentir mais nada a não ser o espaço e a consciência de ter agora diante de mim, grande e desmaiado, aquilo que tantas vezes admirei como reprodução. Tudo isto dura meio minuto”. E, no entanto, ao contrário de Stendhal, Walter Benjamin não se deixa levar pelo entusiasmo, ou o anseio, de forma radical; confrontado com a beleza e a suntuosidade, mantém uma atitude serena, de quem viaja para conhecer, para dar sentido a um mundo em vésperas de soçobrar ao pesadelo nazista – viajar foi, para Benjamin, dizia o autor numa carta, “uma oportunidade única de fugir às tensões da ignomínia berlinense” –, e menos para ceder, a cada passo, ao deslumbre.

Em Veneza, por exemplo, escreve: “Não dou atenção a tanta beleza à minha volta, preparo-me para deixar a praça”. Não que as visitas a locais “há uma duplicidade fundamental no juízo estético: o juízo sobre a obra, que está acima do tempo, e sobre o mestre, determinado pelo seu tempo”.

É o próprio W. Benjamin quem se demarca, seja da indolência, seja dos procedimentos habituais da escrita de viagens – “É uma curiosa mania aquela que levou os escritores de livros de viagens a se fixar no esquema da ‘realização’, ou seja, na pretensão de querer manter para cada país a névoa em que a distância o envolveu, para cada classe o privilégio que a imaginação do ocioso lhe atribui”.

Por isso, a circunstância de viajar é, além de um elemento crucial da biografia de Benjamin, um projeto pessoal, de autoconhecimento, mas também uma forma de perscrutar o mundo, de lhe atribuir sentido, sem deixar de ser um constituir de um veículo para a criatividade e a imaginação.



Folhas ao vento do livro Diários de Viagem, de Walter Benjamin

Ativar o Windows  
Acesse Configurações para ativar o Windows.

## Arraial animal

Quem foi, adorou! Quem perdeu, no ano que vem tem mais. Todos os anos, a Terra Zoo comemora o São João em grande estilo, com uma programação divertida tanto para os pets quanto para os seus tutores.

## Concurso de rei e rainha

A folia junina em São Luís aconteceu na Terra Zoo do Calhau e contou com um divertido concurso para escolha do Rei e Rainha Caipira Pet, pescaria com distribuição de brindes, comidas típicas (com os deliciosos quitutes das ONGs protetoras de animais Amada, Ame Pets e Cães e Gatos de Rua), além das atrações musicais Cacuriá Mirim Rabo de Saia e Dança Portuguesa Império de Lisboa.

## Adoção e vacinação

A cachorrada também brincou muito no Pet Park. Para quem estava pensando em aumentar a família, teve evento de adoção de cães e gatos. A Secretaria Municipal de Saúde e a Unidade de Vigilância em Zoonozes também se fizeram presentes, possibilitando a vacinação antirrábica. Empresas do ramo pet montaram suas tendas para exposição de seus produtos.

## Colônia de Férias

O período mais divertido do ano entrou em cena. Em São Luís, para agitar as férias de julho, a Academia Viva Água preparou uma programação bastante divertida. Realizará a "Colônia de Férias na Viva Água", evento especialmente para crianças de 3 a 12 anos. A programação acontece de 11 a 22 de julho com diversas atividades esportivas, artísticas e culturais, sempre das 13h30 às 18h.

## Sombra na Faene

O empresário Rafael Sombra ministrou aulas esta semana na Faculdade de Negócios Faene sobre Empreendedorismo, Inovação e Vendas para os alunos dos MBAs da instituição. Na instituição, o empresário integra a Trilha do Conhecimento, que compõe a programação dos MBAs, divididos em três partes: Módulo Gestor, Módulo Especialista e Trilha do Conhecimento. Sombra é gestor da Mahogany, em São Luís e Imperatriz, e também do Foto Sombra.

● É preciso atenção redobrada em piscinas, rios e mares nestas férias de julho. É que casos de afogamento nesta época do ano podem aumentar em até 70%. Trata-se da segunda causa de óbito entre crianças de 1 a 4 anos.

● As piscinas de residências são responsáveis por 52% de todos os casos de óbitos por afogamento na faixa etária de 1 a 9 anos. A cada dois dias, uma criança morre afogada em casa e 44% dessas mortes ocorrem no verão.

● Segundo o último boletim epidemiológico divulgado pela Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (Sobrasa), principal entidade de prevenção e salvamento aquático do país, uma pessoa morre diariamente vítima de afogamento: a cada 90 minutos.

● Entre as vítimas, os meninos são a maioria: 6,7 vezes mais. A profissional de Educação Física Denise Araújo afirma: "Afogamento não é acidente e não ocorre por acaso. Pode ser prevenido. E a melhor forma de prevenir é aprender a nadar".

Inauguração do Curso de Medicina Mais Médicos da Faculdade de Ciências da Saúde Pitágoras de Codó. A cerimônia teve como convidado especial o prefeito da cidade, médico José Francisco (à esquerda), ao lado de Loianne Magalhães (diretora da Faculdade Pitágoras de Codó), Fernando Ciriaco (diretor da KrotonMed), Thaynara Lima (secretária municipal de Saúde) e Denise Priolli (coordenadora do curso de Medicina da Faculdade Pitágoras de Codó). Atualmente, Codó é considerada uma das principais cidades universitárias do estado, com a presença de várias instituições de ensino públicas e particulares



Diretor regional da FBAH-MA, Plínio Tuzzolo, convida para a live sobre as novas perspectivas da gestão de saúde

## Debate sobre saúde em live

O complexo futuro da gestão de saúde é o tema do amplo debate que acontece nesta terça-feira (12), às 19h, no evento on-line gratuito e voltado para gestores de saúde, diretores, administradores e proprietários de clínicas, hospitais e consultórios médicos. É promovido pela Diretoria Regional Maranhão da Federação Brasileira de Administradores Hospitalares; comandada pelo administrador e gestor hospitalar Plínio Valério Tuzzolo.

Com o tema "Novas Perspectivas da Gestão de Saúde – Disrupção e Tecnologia", a Live terá como palestrante convidado o renomado médico sanitário Gonzalo Vecina Neto, fundador e ex-diretor presidente da Anvisa, professor da USP e EAESP / FGV e membro do Conselho Nacional de Gestão em Saúde da FBAH. Além da participação de Regional Plínio Tuzzolo, participará, como condutora, Malu Sevieri, diretora geral da Medical Fair Brasil, parceira da FBAH em todos os eventos e de grande representatividade no setor.

Para participar, os interessados devem fazer sua inscrição prévia. Após a inscrição, a organização do evento enviará um link para acesso on-line à live.



Quem desembarca em São Luís neste fim de semana é o renomado professor Paul Lee (foto), um dos formuladores do projeto de logística global de expansão da Rota da Seda da China. Ele é PhD, professor da Universidade Zhejiang (China) e convidado do Governo do Estado para o amplo debate sobre o tema "As Potencialidades do Maranhão na Nova Rota da Seda da China: oportunidades de negócio e de desenvolvimento para o Brasil". O simpósio internacional é uma promoção da Fundação Soudrande em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Programas Estratégicos e será realizado de 11 a 13 de julho.



A Cavalcada de Imperatriz é um evento grandioso no Maranhão, reunindo mais de 5 mil cavaleiros, mostrando a força e o prestígio que a cidade tem para o Brasil. Prestigiando o evento, o pré-candidato a deputado federal e ex-senador da República Edison Lobão Filho, na companhia do pai, Edison Lobão. Lobão pai, que já foi senador por quatro mandatos, ministro das Minas e Energia, governador do Maranhão e deputado federal por dois mandatos consecutivos, e Edinho, enquanto senador, sempre tiveram um olhar atento para o sul do Maranhão, viabilizando recursos e obras para a Região Tocantina. Por suas trajetórias atuantes, são muito queridos por lá



A mais completa e inovadora biografia de Fernando Pessoa, escrita por Richard Zenith, súpula de anos de trabalho e estudo sobre o poeta, acaba de ser publicada em língua portuguesa, que representava a “pátria” de Pessoa.

## PESSOA. UMA BIOGRAFIA

Acaba de ser lançado em língua portuguesa o livro “Pessoa. Uma biografia”, originalmente publicado em inglês.

Trata-se da história de vida de Fernando Pessoa, contada ao longo de mais de mil páginas, incluindo imagens, pelo escritor e tradutor norte-americano Richard Zenith, que há décadas se dedica a estudar Fernando Pessoa e que mergulhou durante 13 anos na

empreitada de reconstituir a sua vida, praticamente a partir da obra.

“A minha pátria é a língua portuguesa”, escreveu Fernando Pessoa, que viveu vários anos em Durban, África do Sul, e escreveu bastante em inglês, a mesma língua em que foi publicada a primeira versão desta biografia, em julho do ano passado, e que foi finalista do Prémio Pulitzer.

A versão em língua portuguesa chegou agora às livrarias, editada

pela Quetzal e traduzida por Salvato Teles de Menezes e Vasco Teles de Menezes.

Numa apresentação à imprensa, Richard Zenith falou da dificuldade de conhecer a vida pessoal do poeta, sempre muito reservado e solitário, e da forma como a sua obra se constituiu a principal fonte de investigação, por ser muito autobiográfica.

“Nunca tinha escrito uma biografia, então era uma

aprendizagem, como o fazer. Só reunir todos os fatos já era bom. Mas depois relacionar as várias facetas da vida, de modo a revelar quem era Fernando Pessoa e mergulhar em toda a história, os lugares onde viveu e fazer disso um livro, contar uma história, a história de uma vida”, afirmou.

No final, sente que ficou a “conhecer bastante mais” Fernando Pessoa, mas reconhece que o poeta “ficará sempre um mistério”.

“No início do processo de escrita, tinha dificuldade em entrar. Ele frequentava tertúlias nos cafés, mas era solitário. Era social, tinha amigos, tinha também sentido de humor, mas era reservado. Onde se revela é na escrita literária, só que aí era um fingidor muitas vezes. Tive que proceder cautelosamente para encontrar Pessoa lá”, contou.

O processo de escrita foi “muito difícil”, confessa, contando que inicialmente pensou escrever na primeira pessoa, como se “Pessoa, em espírito, no Além, estivesse a lembrar a sua vida”, mas acabou por perceber que não resultava.

Ao longo deste processo de escrita, a relação de Richard Zenith com Pessoa é como a de um “psicanalista, que ouve, ouve...”

“Eu senti-me nesse papel com Fernando Pessoa, mergulhando nos seus papéis, na sua obra, para tentar entrar. Tentei pôr lá os elementos todos, para que os leitores conseguissem sentir

Fernando Pessoa e ter a experiência de convivência”, contou.

Uma das maiores dificuldades com que se deparou foi o interesse do poeta pelos assuntos espirituais, que era um tema importante para Fernando Pessoa.

“Então mergulhei muito nisso, para entender o assunto, e nessa zona do mundo de Fernando Pessoa há muitos inéditos, apontamentos muito misturados, mas que para um pesquisador faz sentido. Entrando nesse labirinto de textos, para perceber se acreditava ou não, e em quê, porque Fernando Pessoa nunca está quieto”.

Por isso, todos esses assuntos esotéricos e de religião foram “um grande desafio, sentir o que representava para Fernando Pessoa e porquê, porque são assuntos bastante técnicos”, acrescentou.

Além da obra, que foi a principal fonte de pesquisa do biógrafo, Zenith recorreu ao espólio do autor de “Mensagem”, que continha diversas notas do quotidiano, como dinheiro que devia, encontros marcados, papéis dos tempos em que viveu em Durban – durante a infância e adolescência, período em que o padrasto trabalhou nessa cidade como cônsul português -, ou cartas inéditas, nomeadamente da mãe, ou do dono de uma mercearia na Rua Coelho da Rocha, onde “Fernando Pessoa comprou muitas coisas, incluindo aguardente”.

Outra fonte fundamental para este trabalho foram cartas escritas por um tio a Fernando Pessoa quando este tinha 8 anos.

O tio Cunha e a mulher, a tia Maria, não tiveram filhos e como adoravam Fernando Pessoa, praticamente adotaram-no, especialmente após a morte do pai (quando tinha 5 anos).

Fernando Pessoa passava muitos fins de semana em Pedrouços, em casa dos tios, e o tio Cunha “tinha essas brincadeiras com Fernando Pessoa, de inventar personagens, que depois ficavam, como numa telenovela”, e este jogo dos ‘alter egos’ terá sido o início da criação do mundo imaginário de Pessoa, povoado por, pelo menos, 47 identidades em que Fernando Pessoa se multiplicou, incluindo os três heterónimos plenamente desenvolvidos – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis –, indexados no início da biografia.

Esta obra monumental, que conta um total de 1.184 páginas, é a mais completa desde a de João Gaspar Simões, publicada em 1950 e que, sabe-se agora, tem algumas informações erradas.

No entanto, Richard Zenith lembra que, naquela altura, muito da obra de Fernando Pessoa ainda estava por publicar – “Mensagem” foi a única publicada em vida do autor –, e as exigências eram diferentes, pelo que se conhecia muito pouco do poeta e o trabalho de pesquisa estava bastante mais dificultado.

“A biografia de João Gaspar Simões foi pioneira, foi importantíssima, e [ele] teve o mérito de perceber que Fernando Pessoa merecia uma biografia”, destacou.

Relativamente às novidades que a sua biografia introduz, Richard Zenith aponta uma série de dados sobre a infância e juventude do poeta, dando “um retrato completamente novo sobre essa fase” da sua vida, todo o trabalho de contextualização, nomeadamente do tempo e dos lugares onde viveu, aspetos relacionados com o interesse de Fernando Pessoa nos assuntos espirituais e alguns novos dados sobre a sua sexualidade.

Richard Zenith nasceu em Washington D.C. em 1956 e foi para Portugal em 1987, com o objetivo de traduzir cantigas trovadorescas. Foi nessa época que descobriu o “Livro do Desassossego”, publicado pela primeira vez em 1982 pela Ática.

Como tinha vivido no Brasil e aprendendo português, e percebendo que não havia nenhuma tradução dessa obra para inglês, montou um projeto e traduziu-a na íntegra.

Foi por volta de 2003, quando organizou uma edição especial de “Escritos autobiográficos automáticos”, na qual Fernando Pessoa estava em contato com espíritos e escrevia quase sempre em inglês, que começou a pensar realmente na biografia.

“Foi o meu agente literário em Nova York que me empurrou para esta biografia. Achei que era dois ou três anos e que era um livro de 160 mil palavras. Acabou em 360 mil, nunca imaginei”, disse.



“Pessoa. A Biografia” foi publicada, em inglês, em julho do ano passado, e foi amplamente elogiada pela crítica internacional e incluída em várias listas de melhores livros do ano da imprensa de língua inglesa.

A versão portuguesa, com 1.184 páginas, foi colocada à venda este mês, numa edição da Quetzal.

“Relativamente desconhecido em vida, Pessoa parecia destinado ao esquecimento literário quando o arco da sua vida após a morte se curvou, de maneira súbita e improvável, em direção à grandeza, com a descoberta de 25 mil documentos inéditos num grande baú de madeira. Baseando-se neste vasto arquivo de fontes, bem como em cartas familiares nunca publicadas, e astutamente colocando a vida do poeta contra as correntes nacionalistas da história europeia do século XX, Zenith por fim revela as verdadeiras profundezas da fértil imaginação de Pessoa e o seu génio literário”, pode ler-se na sinopse da obra publicada pela Liveright.

A editora norte-americana recordou que “da mesma forma que o Nobel José Saramago trouxe um único heterónimo à vida em ‘O Ano da Morte de Ricardo Reis’, Zenith traça as histórias de praticamente todas as personalidades imaginadas de Pessoa, demonstrando como eram projeções, ‘spin-offs’ ou metamorfoses do próprio Pessoa”.

Na britânica New Statesman, em agosto do ano passado, o filósofo John Gray não poupou elogios ao trabalho de Zenith: “O retrato de Pessoa e da sua vida é mais do que uma obra-prima da biografia literária. Com mais de mil páginas, nem uma delas é desperdiçada, um ‘tour de force’ da história cultural. [...] Ao iluminar esta figura evasiva, Zenith criou um trabalho que é, em alguns aspetos, tão espantoso como os do próprio Pessoa”.

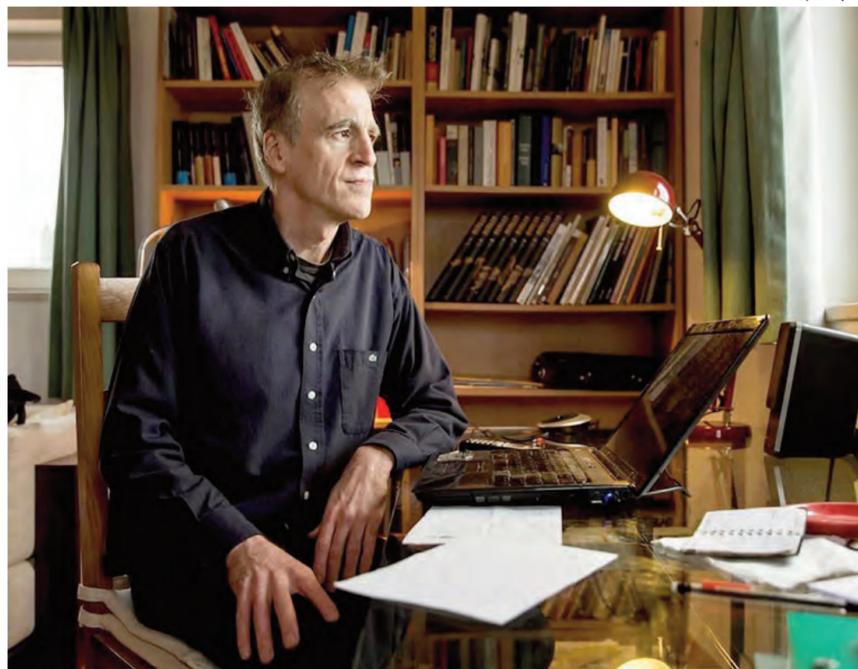
Um outro especialista em biografias, o norte-americano Benjamin Moser, escrevia no New York Times, em julho do ano passado, que “Pessoa, que teve poucas pessoas íntimas em vida, teve sorte em encontrar [em Zenith] este amigo póstumo”.

O escritor irlandês Colm Tóibín, na London Review of Books, em agosto de 2021, questionava: “Se nada de algum interesse alguma vez aconteceu a Pessoa, certamente que uma biografia deveria ser breve. Como poderá Zenith justificar escrever um livro que ultrapassa as mil páginas?”

A resposta pode ser encontrada no “posicionamento de Pessoa no contexto do que estava a acontecer em Lisboa na altura”.

“O retrato que emerge de Pessoa é o de uma figura solitária que, ainda assim, estava intensamente envolvida nas ‘cliques’ literárias e movimentos, com revistas, planeadas ou publicadas. De certa forma, o livro de Zenith torna Pessoa alguém menos autogerador e mais um estranho produto da vida portuguesa, a sua lassitude ganhando forma de uma incapacidade nacional de fazer muito, a sua energia escondida tendo origem em algo secreto e poderoso na cidade de Lisboa”, escreveu Tóibín, lembrando que Zenith também enfatizou o lado político de Fernando Pessoa.

Vencedor do Prémio Pessoa em 2012, o tradutor e crítico literário Richard Zenith, sediado em Lisboa, já havia conquistado um prémio PEN por Poesia Traduzida com “Fernando Pessoa and Co.: Selected Poems”.



O escritor e tradutor norte-americano Richard Zenith, que há décadas se dedica a estudar Fernando Pessoa